O desejo homoerótico no conto "Passional ao extremo", de Antonio de Pádua

The homoerotic desire in the tale "Passional ao extremo", by Antonio de Pádua

Flávio Pereira Camargo[1]

RESUMO: *Sobre rapazes e homens* é o primeiro livro de contos publicado por Antonio de Pádua em 2006. Um livro que faz parte de uma ampla produção ficcional que abarca em seu cerne as relações homoeróticas vivenciadas por seus personagens em contextos adversos. O livro se estrutura em três partes: "Sobre algumas coisas de rapazes e homens", "Teoria dos esquemas (dos homens)" e "Retomando os esquemas, os rapazes e os homens". Há que se destacar o fato de que em todos os contos são abordadas questões diversas relacionadas à subjetividade gay, como, por exemplo, a busca constante pelo objeto de desejo, a carência afetiva e sexual, a solidão, a errância do sujeito, as relações rarefeitas e os ritos de iniciação sexual, entre outros temas recorrentes. Neste artigo, escolhemos como *corpus* de análise o conto "Passional ao extremo", inserido na primeira parte do livro, a partir de uma perspectiva entre literatura e homoerotismo, com fundamentação nas discussões teóricas dos estudos de Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010), Octávio Paz (1995, 2014) e Zygmunt Bauman (2004), relacionando-os com a enunciação pedestre do protagonista, a partir dos pressupostos de Michel de Certeau (2009).

Palavras-chave: Antonio de Padua. Homoerotismo. Desejo. Subjetividade gay. Solidão.

Considerações iniciais

Sobre rapazes e homens é o primeiro livro de contos publicado por Antonio de Pádua. Um livro que faz parte de uma ampla produção ficcional[2] que abarca em seu cerne as relações homoeróticas vivenciadas por seus personagens em contextos adversos. O livro se estrutura em três partes: "Sobre algumas coisas de rapazes e homens", "Teoria dos esquemas (dos

[1] É professor adjunto de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás, com atuação na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. E-mail: camargolitera@gmail.com

[2]Antonio de Pádua Dias da Silva é professor de Teoria da Literatura na Universidade Estadual da Paraíba, onde atua na Graduação e na Pós-Graduação. Além das publicações acadêmicas na área de crítica literária, Pádua já publicou as seguintes obras ficcionais: *Sobre rapazes e homens* (2006), *Um dia me disseram que as nuvens não eram de algodão* (2007), *Eis o mistério da fé* (2009), *Abjetos: desejos* (2010), *Mosaicos azuis desejos* (2011), *Tal Brazil, Queer romance: romance da história dos afetos ou história do romance dos afetos* (2012; 2013), *Por enquanto...outra estação* (2014).

Revista Língua & Literatura, v. 35, n. 20, p. 107-118, jan./jun. 2018.
Recebido em: 13 ago. 2017
Aprovado em: 26 out. 2017

homens)" e "Retomando os esquemas, os rapazes e os homens". Há que se destacar o fato de que em todos os contos são abordadas questões diversas relacionadas à subjetividade gay, como, por exemplo, a busca constante pelo objeto de desejo, a carência afetiva e sexual, a solidão, a errância do sujeito, as relações rarefeitas e os ritos de iniciação sexual, entre outros temas recorrentes.

Em todos os contos que compõem *Sobre rapazes e homens* Pádua se vale de uma linguagem que fisga o leitor do início ao fim, uma linguagem densa, poética, visceral, capaz de despertar no leitor o seu desejo. Amador Ribeiro Neto, no prefácio "Um livro e sua linguagem. Textos de desejo", chama a atenção para o fato de que em *Sobre rapazes e homens* o leitor logo percebe que *o quê* o autor diz é tão importante como *o modo* pelo qual diz" (2006, p. 7, grifo do autor), justamente por que se trata de um livro de contos no qual "o erótico advém da cumplicidade com a linguagem. A palavra é objeto de desejo perseguido em cada conto" do livro (RIBEIRO NETO, 2006, p. 9).

Não é apenas a temática que é homoerótica, mas a própria linguagem se torna plena de erotismo, pois é por meio da palavra que nomeamos nossos sentimentos, nossos desejos, nossos corpos, nossas ações, nossas carências e fragilidades. Portanto, "não espere o leitor um livro de contos meramente homoeróticos. Não: mais que homoeróticos são homoeróticos eróticos" (RIBEIRO NETO, 2006, p. 8).

É justamente esse caráter homoerótico erótico presente nas narrativas curtas de Pádua que pretendemos abordar neste ensaio. Para tanto, escolhemos como *corpus* o conto "Passional ao extremo", inserido na primeira parte do livro, a partir de uma perspectiva entre literatura e homoerotismo, com fundamentação nas discussões teóricas dos estudos de Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010), Octávio Paz (1995, 2014) e Zygmunt Bauman (2004), relacionando-os com a enunciação pedestre do protagonista, a partir dos pressupostos de Michel de Certeau (2009).

A enunciação pedestre e a subjetividade gay: o desejo e o erotismo dos corpos

Michel de Certeau, em seu texto "Caminhadas pela cidade", afirma que o ato de caminhar pode ser compreendido como um ato de enunciação pedestre (2009, p. 164), pois o pedestre assumiria a condição de espectador da vida urbana, um *voyeur* que capta o frenesi das ruas, com seus corpos, cheiros, sons e suas multidões. Essa enunciação pedestre resulta de um ato de caminhar constante, um deslocar-se pelas ruas, avenidas e periferias, pelos centros

comerciais, becos e guetos dos grandes centros urbanos, de modo que a legibilidade do espaço urbano é filtrada pela subjetividade daqueles pedestres que percorrem diferentes mapas urbanos.

Esses "praticantes ordinários da cidade" (CERTEAU, 2009, p. 159), através de suas enunciações, criam "textos" urbanos sobre a cidade e seus habitantes. É justamente a relação corpo/cidade que propicia a esses praticantes captar uma dada representação do espaço urbano, marcado por encontros e desencontros de afetividade no contexto das grandes cidades, como lemos no conto em tela.

> Talvez estivesse mais próximo da agonia mínima do pão nosso de cada dia. Foi assim que resolvi me sentar e descrever ao *extremo* a passional agonia que fervia no momento da enunciação. Era a hora mais longa que experienciava. Estava ali com o olhar esbugalhado ante os carros agitados que corriam sobre suas rodas que não gostavam de apostar corrida: apenas corriam. A fumaça, o barulho, as cores, o céu azul, o sol forte como no mar. Tudo muito vivo. As pessoas andavam rumo aos seus destinos. Uns com mais pressas, outros sem destino algum. Revelei meus olhos no olhar de qualquer homem que se mostrava interessante para mim naquele momento. O que seria então um homem interessante? (SILVA, 2006, p. 35, grifo do autor).

No caso de uma legibilidade do espaço urbano a partir de uma perspectiva gay, como ocorre no conto "Passional ao extremo", esse mapa urbano é filtrado por uma subjetividade que tenta encontrar no olhar de um outro qualquer uma reciprocidade em relação ao seu desejo, aos seus afetos, para suprir, mesmo que momentaneamente, a sua carência afetiva e sexual no espaço da metrópole.

Essa perspectiva gay em relação à legibilidade do espaço urbano procura captar, de certo modo, a complexidade das relações afetivas em contextos de uma "modernidade líquida", em que os laços afetivos e sexuais se tornam cada vez mais rarefeitos (BAUMAN, 2004). O protagonista, um sujeito do sexo masculino, que não é nomeado, capta por meio dos sentidos uma representação do espaço ao seu redor e daqueles sujeitos que circulam por ele.

A construção do espaço urbano se dá principalmente a partir dos sentidos, em especial da visão, pois é por meio dela que o narrador capta as imagens que compõem o seu cotidiano e o frenesi dos transeuntes no espaço da metrópole. Além disso, a estratégia utilizada pelo autor de um personagem-narrador revela uma narrativa de si, por meio da qual o protagonista expõe ao leitor aspectos diversos relacionados à uma subjetividade gay. Trata-se, portanto, de uma voz que narra e assume um ponto de vista de dentro, borrando visões preconcebidas

sobre a temática em pauta, considerado, muitas vezes, como polêmico por parte da crítica literária.

Para Antonio de Pádua, em artigo no qual analisa a "A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si",

> Estudar essa produção da literatura brasileira contemporânea significa uma abertura para o entendimento de um campo de discussão que pretende estar presente por um bom tempo em projetos autorais de escritores brasileiros, como também, de escritores de outras culturas que investem na escrita de expressão *gay* por questões, principalmente, de ordem política, a exemplo dos Estados Unidos. Essa tendência contemporânea de fazer emergir questões *gays*, lésbicas e *queer*, homoafetivas reacende velhas discussões em torno de parte da produção autoral de escritores que não foram devidamente valorizados em sua época e, subsequentes, por questões não de ordem estética (em alguns casos, sim), mas de ordem 'ética', moral, religiosa e cultural, configurando preconceito e discriminação a autores e obras que buscaram refletir o tema do amor entre iguais (SILVA, 2014, p. 62-63, grifos do autor).

Neste sentido, uma escrita de si nos revela uma narrativa em que o protagonista fala de si sem que sua representação seja filtrada pelo olhar do outro, ou seja, trata-se de uma (auto)representação de si, que evidencia um lugar de fala, um posicionamento social, cultural, histórico e ideológico do sujeito da enunciação. Uma enunciação prenhe de significados, pois desentranha desse sujeito os seus sentimentos mais profundos, sejam eles relacionados ao seu desejo, sejam aqueles que dizem respeito à sua inserção em um espaço de sociabilidade no qual o seu corpo, o seu desejo e a sua identidade são tidos como abjetos, passíveis, portanto, de serem expurgados do meio social. Daí a necessidade de uma literatura que problematize o desejo gay a partir de uma narrativa de si, pois

> a singularidade que a torna 'especial' diz respeito a uma sistematização ou a uma forma específica de o narrador desenvolver a história narrada e nela fazer atuar as personagens: a "literatura de expressão gay", em quase sua exclusividade, utiliza-se da 'primeira pessoa' para narrar os fatos acontecidos. As obras que narram os fatos em 'terceira pessoa' utilizam-se do discurso do narrador para engendrar na narrativa a tipicidade discursiva ou o ponto de vista sobre o qual as ações são narradas, dando-se sempre voz e direito às personagens homoafetivas, esvaziando, pelas vozes narradoras, as projeções preconceituosas e discriminatórias (SILVA, 2014, p. 67).

Por estes motivos, uma narrativa de si é crucial para dar ao leitor outras perspectivas culturais, políticas e sociais sobre esses sujeitos gays, o que implica, necessariamente, em

outra representação sobre esse corpo, sua identidade e seus desejos latentes, sobretudo quando esse sujeito, errante e solitário, está inserido em meio à multidão da metrópole.

No conto em tela, o personagem anônimo, em meio à multidão, narra suas dores, suas angústias e seus sentimentos. Trata-se, portanto, de um protagonista que tenta compreender a própria inserção no mundo e sua relação com os outros, como verificamos no fragmento abaixo:

> Nunca me perguntei o motivo da sangria dolorosa pela qual somos coagidos a passar em determinados momentos. Apenas me dispunha a sentir e não violar o código que me forçava a não extorquir de mim a possibilidade de correr dos problemas apresentados (SILVA, 2006, p. 35).

A agonia vivenciada pelo personagem refere-se a essa busca constante pelo pão nosso de cada dia. A metáfora traz em si uma menção ao alimento diário, constante em nossas vidas, o pão que nos alimenta. No caso do protagonista, a metáfora revela ao leitor uma busca incessante pelo outro que complete o seu vazio existencial, um outro que supra suas carências afetivas e sexuais.

A busca pelo pão nosso de cada dia reflete um estado de desejo latente, inquietante, que faz com que esse personagem busque fora de si o objeto de desejo com o qual se identifica. Um objeto de desejo que não se traduz meramente em objeto sexual, mas em um outro que seja capaz de corresponder aos desejos mais profundos de um ser incompleto; um outro cujos sentimentos solapem o estado de solidão do protagonista, ser descontínuo que vê no olhar do outro a possibilidade do afeto, da supressão da carência, a possibilidade de momentos singulares vivenciados juntos...por este motivo ele busca em meio à multidão o olhar de um homem qualquer que corresponda ao seu:

> como seria olhar para um homem qualquer e receber dele a recíproca. Não poderia ser qualquer homem. Era o desengano de um dia mal amanhecido que fazia de mim uma espécie de quem pede esmola de carinho a transeuntes desconhecidos que caminhavam em via pública. Era uma putaria da porra estar naquela condição: em busca de um alô no olhar de um homem qualquer. As comichões tinham seus reinícios (SILVA, 2006, p. 36).

Para Georges Bataille (1987, p. 20), "o erotismo é na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão" e é, ainda, o responsável por levar o homem a buscar constantemente por um objeto de desejo que corresponda à *interioridade* do seu desejo. O protagonista busca fora de si, naquele que é objeto de investimento afetivo e sexual, a sua

completude. Seres incompletos que somos, buscamos no outro a nossa completude, a nossa continuidade e a possibilidade de satisfação de um desejo interior: "só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução e na preocupação das crianças" (BATAILLE, 1987, p. 10).

Gostaríamos de ressaltar o fato de o protagonista pedir "esmola de carinho a transeuntes desconhecidos" e estar "em busca de". A imagem é muito forte e nos revela um sujeito extremamente cindido, carente, solitário, errante pelo espaço urbano em busca de um outro que o complete. A errância desse protagonista é dupla: primeiro, é um ser errante porque é considerado pela sociedade como um sujeito "anormal", "estranho", que extrapola os limites de uma heterossexualidade compulsória; segundo, a errância do protagonista revela os seus percursos e as suas perambulações pelo espaço da metrópole, expondo os seus encontros e desencontros de afetividade na urbe, um espaço no qual as relações afetivas se tornam cada vez mais escassas.

Ao refletir sobre algumas questões gays, Didier Eribon(2008) afirma que, na maioria das vezes, as cidades pequenas representam um espaço de opressão e violência simbólica e física para a maioria dos sujeitos gays. Por estes motivos, haveria uma fuga em massa desses sujeitos para as grandes cidades nas quais eles pudessem, de alguma forma, estabelecer vínculos sociais e culturais com outros sujeitos gays, havendo no espaço da metrópole uma espécie de refúgio. O processo migratório desses sujeitos para as metrópoles foi intenso, sobretudo no final do século XX, permitindo ao mesmo tempo o anonimato, a vivência de suas subjetividades de modo mais pleno e os processos de socialização diante das possibilidades culturais e sociais oferecidas pela cidade.

No entanto, Eribon ressalta que

> a cidadetambém pode ser o lugar da infelicidade. Como os homossexuais estão condenados à cidade, também estão a tudo o que a cidade pode trazer consigo de violência: as agressões nos lugares de paquera, o assédio policial, a transmissão de doenças... [...] a cidade é o lugar da existência da "cultura gay", mas também da vigilância social desta, no que ela tem de mais banal e de mais cotidiano, e da interação entre esses dois fenômenos (2008, p. 57).

É justamente o fato de estarem condenados à cidade e às suas múltiplas faces que faz com que os sujeitos gays, inseridos no espaço da metrópole, busquem constantemente saciar seus desejos e carências afetivas em meio ao sentimento de solidão.

Para ZygmuntBauman (2004, p. 12), no "líquido cenário da vida moderna" as relações afetivas tornam-se mais rarefeitas, o que remete à fragilidade dos vínculos humanos, dos laços afetivos e ao sentimento de insegurança diante do abandono. São relações descartáveis que fazem com que os sujeitos se tornem mais solitários, "desesperados por 'relacionar-se'" (BAUMAN, 2004, p. 8) em momentos de aflição, nos quais o sentimento de solidão e a consciência da própria solidão se tornam mais verticalizados.

Apesar das comichões resultantes da latência de um desejo que provoca no protagonista certa inquietação e desespero por relacionar-se com o outro, ele tem medo de se expor ao olhar da sociedade e ser descoberto: "Mas não quis arriscar porque poderia receber um palavrão, uma censura, um murro até. Mas não parava de pensar. Como seria olhar para um homem e ver a reação. Dele" (SILVA, 2006, p. 36).

São várias as formas de violência contra os sujeitos gays. Ela pode ser social, psicológica, física e simbólica. Em ambos os casos, a violência deixa marcas, abre sulcos profundos na memória, no corpo e na alma daquele que a sofre. O ato da injúria expõe a consciência ferida como elemento constitutivo de uma identidade gay, pois em relações marcadas por micro e macrorrelações de poder, o ato de nomear o outro e de se distinguir dele através de um traço distintivo que estigmatiza a identidade de outrem provoca no outro uma conscientização de si, de sua própria identidade: "o homossexual só pode ser o objeto do discurso e torna-se insuportável tão logo pretende ser o sujeito" (ERIBON, 2008, p. 73).

Aquele que nomeia o outro o toma como objeto passível de perquirição, de desapossamento de sua própria identidade, fazendo com que o outro tome consciência da exclusão e da abjeção a que está sujeito: "A injúria me faz saber que sou alguém que não é como os outros, que não está na norma. Alguém que é *viado* [*queer*]: estranho, bizarro, doente. Anormal" (ERIBON, 2008, p. 28, grifo do autor).

Apesar do medo de ser descoberto ou de sofrer algum tipo de violência contra si pelo fato de ser gay, o protagonista torna-se um *voyeur* em meio à multidão na tentativa de encontrar a reciprocidade de seu olhar no olhar de um outro homem qualquer.

> E o olhar me revelou na alquimia do desejo insano uns homens que compunham a paisagem que observava. [...]. Uns me olhavam com indiferença: um outro, com escárnio (parecia revelar minha alma como ela se mostrava naquele instante danado). Mas foi um olhar repentino que cruzou o meu e que meus olhos não revelaram. [...]. Veio ao meu encontro em minha súbita direção que pretendia sair daquele momento porque já me sentia preso no olhar daquele estranho homem jovem e bonito que me puxava a si (SILVA, 2006, p. 37-38).

Ao romper os seus próprios limites, na tentativa de encontrar um outro igual a si, o protagonista tem sua identidade devastada, pois o olhar dos outros homens são olhares de escárnio e de indiferença, o que nos remete à representação de uma abjeção em relação ao desejo, ao corpo e à identidade gay em nossa sociedade.

Essa indiferença, juntamente com o escárnio, se materializam porque aos sujeitos gays lhes é negado o *status* de corpos que pesam, de corpos que tenham algum valor. São corpos e sujeitos cuja dignidade e humanidade é tolhida pela sociedade. Os corpos desses sujeitos são considerados como corpos abjetos, corpos que podem ser expurgados, alijados do convívio social. É por ter essa consciência do olhar do outro e do julgamento que lhe é imposto que o protagonista sente sua alma devastada, ao ter consciência da própria identidade que é estigmatizada constantemente.

Em meio ao medo de ser descoberto e sofrer atos de injúria, eis que surge entre a multidão um olhar recíproco ao do protagonista. Um olhar de um homem jovem, bonito, que o atrai para si, cuja reciprocidade no olhar revela o desejo latente do outro, que também busca em outro homem o objeto de seu desejo. Um jogo erótico se estabelece entre ambos e o protagonista, quando se dá conta, já está no quarto daquele que o enlaçou com o olhar, com o toque no ombro, seduzindo-o até o espaço mais íntimo no qual ambos se entregam um ao outro sem nenhum pudor.

> Um homem desconhecido que mergulhava violentamente sua língua em minha boca ainda indefesa. Não havia nem como pretender demonstrar resistência, de me proteger: a vontade de querê-lo parecia mais forte que o medo do desconhecido. E seduzido em minha solidão, em meu amor provisório e repentino, deixei-me despir cautelosamente: peça por peça (SILVA, 2006, p. 38-39).

O excerto acima é exemplar para dialogarmos com as relações descartáveis apontadas por Bauman no contexto de uma modernidade líquida. Trata-se de um protagonista que, ao acaso, encontra um estranho e com ele irá manter uma relação sexual para saciar o seu desejo, mas não a sua carência afetiva.

O sentimento de solidão e a consciência da própria solidão fazem com que o protagonista se entregue a um "amor provisório e repentino", descartável, momentâneo, mas capaz de propiciar a ambos um pouco de seiva de vida.

Para Octávio Paz,

> a solidão é o substrato último da condição humana. O homem é o único ser que se sente sozinho, o único que é busca de outro. Sua natureza [...] consiste em aspirar a realizar-se em outro. O homem é nostalgia e busca de comunhão. Por isso, toda vez que sente a si mesmo, sente-se como carência de outro, como solidão (2014, p. 189).

Para aplacar esse sentimento de solidão, o protagonista se entrega ao outro, aderindo ao jogo erótico da sedução que se estabelece entre ambos. Embora seja uma relação que tenha como objetivo único abrandar o desejo latente dos dois personagens, ambos, seres descontínuos, solitários e errantes, buscam a sua completude um no outro.

> Fazia o jogo que ele queria jogar. [...]. Mostrou-me o que mais queria ver, aquilo porque muito ansiava: a bela bunda nua que fazia um diferencial no seu corpo todo ajustado fora daquela roupa. E todo ele era um só corpo, não havendo partes feias e bonitas. Até o seu caralho descomunal adquiria harmonia na minha visão àquela altura alterada. [...]. Mergulhava o meu vazio lentamente, possuindo-me por inteiro e por cima, enquanto eu me vazava pelos poros não perceptíveis: deixava-me seduzir por aquela imagem que não se encontra no dia a dia. Todo laçado, arrepiado em minha pele, deixei-me sugar o caralho até à gala (SILVA, 2006, p. 39).

Entre os dois personagens não há pudor em relação ao corpo um do outro. Não há interdição de zonas erógenas. O que há, de fato, é uma entrega incondicional ao outro, uma exploração do corpo do outro através de todos os sentidos, seja do olfato, do tato, da visão, do paladar ou da audição. Uma relação que tem como base o erotismo dos corpos e o desejo que esses corpos despertam no objeto de desejo a partir das sensações, dos sentidos e da imaginação.

Para Octavio Paz, "os sentidos, sem perder os seus poderes, convertem-se em servidores da imaginação e fazem-nos ouvir o inaudito e ver o que é imperceptível" (1995, p. 9). O erotismo, para Paz, é cerimônia e representação: "O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. O agente que move tanto o acto erótico como o poético é a imaginação. É a potência que transfigura o sexo em cerimónia e rito, a linguagem em ritmo e metáfora" (PAZ, 1995, p. 9-10).

Neste sentido, há o estabelecimento de um jogo erótico por meio da linguagem que encena o próprio erotismo dos corpos, que aguça o efeito obsceno provocado no leitor a partir da nomeação explícita das posições, dos atos em si e da conjunção carnal do ato sexual entre os dois corpos sem os filtros da moralidade e da higienização da linguagem.

> as veias da pica até então condenadas à inércia trabalhavam para alimentar o pinto. Túrgidas, enchiam de vida o "ganha pão" que tão logo morreria assim que satisfeito fosse o desejo do belo rapaz que me usurpara a solidão. E assim não quis mais questionar, naquele dia, a pobreza de que era portador. Pleno de gozo. Vazio de gala. Chupado ao extremo. Amante repentino. Passaria um bom tempo sem ter tempo para pensar em coisas que estivessem além do céu ou além dos domínios daquela paixão que me consumiu em um único momento (SILVA, 2006, p. 40).

Eliane Robert Moraes, no artigo "O efeito obsceno", afirma que a questão da nomeação é um aspecto central para se pensar a concepção moderna de pornografia. Para a autora, "a nomeação das posições sexuais e das partes mais secretas do corpo, valendo-se dessa "língua técnica" cujos termos foram expulsos da decência" (MORAES, 2003, p. 123) contribui para o efeito obsceno que se produz no leitor. É essa linguagem licenciosa que dissemina imagens, gestos, posições e palavras consideradas como obscenas, que ferem o pudor e a moral da sociedade, ao expor uma representação explícita do sexo como pedra de toque.

O cerne da questão diz respeito à nomeação da "coisa em si" por meio de minuciosos detalhes advindos do uso de uma "linguagem técnica" que nomeia e renomeia todas as partes do corpo, com suas designações anatômicas, com os termos mais vulgares que se possa imaginar para detalhar, inclusive, partes anatômicas consideradas como abjetas:

> os "nomes técnicos" como excessos de linguagem [...], além de evocarem seus referentes, também atuam como seus substantivos. À medida que a linguagem da transgressão incita no leitor um desejo autêntico, ela ganha autonomia, tornando-se uma "realidade independente" que muitas vezes supera, ou corrige, o desejo provocado pelo objeto real (MORAES, 2003, p. 130).

Podemos dizer que há uma transgressão por meio da linguagem e uma linguagem da transgressão, cujos "excessos de linguagem" produzem efeitos obscenos no leitor, ao despertar nele um desejo latente, um desejo que pulsa na carne. Não se trata apenas de uma temática erótica ou homoerótica como elemento central de uma narrativa, mas de uma linguagem que é em si mesma impregnada de erotismo. Uma linguagem é considerada obscena quando há a presença de um vocabulário técnico utilizado para nomear aquilo que o pudor, a moral e os bons costumes excluíram do cotidiano.

A linguagem licenciosa nomeia, descreve e encena minuciosamente o ato erótico entre os dois personagens, revelando ao leitor uma relação sexual que não tem como finalidade última a reprodução. Pelo contrário, ela tem como objetivo saciar o desejo e o prazer dos

corpos envolvidos, sobretudo porque “o erotismo defende a sociedade dos assaltos da sexualidade, mas, também nega a função reprodutiva” (PAZ, 1995, p. 14), como ocorre entre os personagens do conto “Passional ao extremo”.

Considerações finais

Ao final da leitura do conto em tela, percebemos que há uma transgressão em “Passional ao extremo”. Uma transgressão que ocorre, em um primeiro plano, no nível da linguagem licenciosa que é utilizada para nomear o ato sexual em si e as partes do corpo do outro e de si mesmo, como a bunda, as veias da pica e o caralho. Em um segundo plano há uma transgressão que diz respeito às zonas interditadas como objeto de prazer, como, por exemplo, a bunda, que se abre, devorando o caralho alheio, ofertando ao outro um instante de prazer.

Trata-se, evidentemente, de uma relação líquida, descartável, fugaz, que usurpa momentaneamente a solidão do protagonista. É de suma importância a imagem construída ao final do conto: um sujeito “pleno de gozo. Vazio de gala. Chupado ao extremo”. Esta afirmação expõe a condição de um sujeito que foi consumido ao extremo pelo outro em um momento de prazer, ou seja, houve, por um instante, uma completude de ambos, que se encontraram, se entreolharam, se seduziram, entregando-se ao jogo erótico estabelecido entre ambos.

Ao final, eles estão vazios de gala, plenos de gozo, mas ainda assim vazios existencialmente, porque continuam como seres solitários à procura de outros sujeitos que possam saciar novamente o seu desejo e talvez completar a sua incompletude. Os dois personagens continuarão em constantes deslocamentos pelo espaço urbano em busca do pão nosso de cada dia para alimentar simultaneamente o corpo e o desejo interior, em sua latência contínua e incessante.

ABSTRACT: *About boys and men* is the first book of tales published by Antonio de Padua in 2006. A book that is part of a broad fictional production that encompasses at its core the homoerotic relationships experienced by its characters in adverse contexts. The book is structured in three parts: "On some things of boys and men", "Theory of schemata (of men)" and "Taking up schematics, boys and men". It is important to highlight the fact that in all of the short stories, there are several issues related to gay subjectivity, such as the constant search for the object of desire, affective and sexual need, loneliness, the erring of the subject, relationships Rarefied rituals and sexual initiation rites, among other recurring themes. In this paper, we chose as corpus of analysis the "Passion to the extreme" tale, inserted in the first part of the book, from a perspective between literature and homoeroticism, based on the theoretical discussions of the studies of Didier Eribon (2008), Eliane Robert Moraes (2003), Georges Bataille (1987), Judith Butler (2010), Octávio Paz (1995, 2014) and Zygmunt Bauman

(2004), relating them to the pedestrian enunciation of the protagonist, based on the assumptions of Michel de Certeau).

Keywords: Antonio de Padua. Homoeroticism. Desire. Gay subjectivity. Loneliness.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade das relações humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BATAILLE, George. **O erotismo.** Porto Alegre: L&PM, 1987.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p. 151-172.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: _____. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 157-198.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

MORAES, Eliane Robert. O efeito obsceno. **Cad. Pagu** [on line], n. 20, p.121-130, 2003.

RIBEIRO NETO, Amador. Um livro e sua linguagem. Textos de prazer. In: SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens.** Capina Grande: EDUEP, 2006. p. 7-13.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Sobre rapazes e homens.** Capina Grande: EDUEP, 2006.

_____. A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si. **Acta Scientiarum. Language and Culture,** Maringá, v. 36, n. 1, p. 61-74, Jan.-Mar., 2014.

PAZ, Octavio. Os reinos de Pã. In: _____. **A chama dupla.** Amor e erotismo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. p. 9-22.

_____. A dialética da solidão. In: _____. **O labirinto da solidão**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 189-204.